ROBERT
GALBRAITH

# CORAÇÃO NEGRO COMO TINTA

Tradução de
Ana Lourenço

PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título: *Coração Negro como Tinta*
Título original: *The Ink Black Heart*
Autor: *Robert Galbraith*
Copyright © J.K. Rowling 2022
Os direitos morais da autora estão certificados.
Todas as personagens e acontecimentos constantes desta obra, exceto os que se encontram no domínio público, são fictícios e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas é pura coincidência.
Edição original publicada em 2022 na Grã-Bretanha por Sphere.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou meio, eletrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou armazenamento de informação sem o consentimento prévio, por escrito, do proprietário, nem poderá circular com outra encadernação ou capa que não seja a da edição original.
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2023
Tradução: *Ana Lourenço*
Revisão: *Sónia Silva/Editorial Presença*
*Design* e imagem da capa: *Duncan Spilling © Little, Brown Book Group Ltd 2022*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
Depósito legal n.º 521 200/23
1.ª edição, Lisboa, novembro, 2023

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

*Para Steve e Lorna,*
*a minha família, os meus amigos*
*e dois baluartes contra a anomia,*
*com amor.*

«Existem duas formas de escuridão. Uma é a Noite...
E a outra é a Cegueira.»

Mary Elizabeth Coleridge
*Dúvida*

# PRÓLOGO

«As feridas do coração são muitas vezes fatais, mas não necessariamente.»

Henry Gray, membro da Royal Society
*Anatomia de Gray*

# 1

«Porque pousaste os teus olhos em mim
E prendeste a respiração?
Em todas as eras isto nunca poderia ter sido
Como se nunca tivesse acontecido.»

Mary Elizabeth Coleridge
*Um Momento*

De todos os casais sentados no Rivoli Bar do Ritz naquela quinta-feira à noite, o que estava a divertir-se mais visivelmente não era, de facto, um casal.

Cormoran Strike e Robin Ellacott, detetives particulares, sócios e autoproclamados melhores amigos, festejavam o trigésimo aniversário de Robin. Tinham-se sentido um pouco constrangidos ao chegarem ao bar, que se assemelhava a uma caixa de joias *art déco*, com as suas paredes de madeira escura, dourados, e painéis foscos Lalique, porque sabiam que aquela saída era um evento único nos quase cinco anos que se conheciam. Nunca tinham optado por passar uma noite na companhia um do outro fora do trabalho, sem a presença de outros amigos ou colegas, ou o pretexto de um infortúnio (porque houvera uma ocasião, algumas semanas antes, em que Strike acidentalmente dera à sua parceira dois olhos negros e lhe comprou um caril *takeaway* como recompensa).

Ainda mais insólito, ambos tinham dormido o suficiente e estavam em grande forma. Robin usava um vestido azul justo, o cabelo comprido louro-avermelhado lavado e solto, e o seu sócio reparara nos olhares apreciativos que ela atraíra dos homens ao passar. Já a elogiara pela opala que repousava na base da sua garganta, que tinha sido prenda de anos dos pais. Os minúsculos diamantes que o cercavam formavam uma auréola brilhante nas luzes douradas do bar, e sempre que Robin se movia, faíscas de fogo escarlate cintilavam nas profundezas da opala.

Strike vestia o seu fato italiano preferido, com uma camisa branca e gravata escura. A sua semelhança com um Beethoven de nariz partido e peso a mais aumentara agora que rapara a barba, mas o sorriso caloroso da empregada ao entregar a Strike o seu primeiro Old Fashioned lembrou a Robin o que a nova mulher do seu ex-marido, Sarah Shadlock, dissera uma vez sobre o detetive:

«Ele é estranhamente atraente, não é? Um pouco amarrotado, mas não me desagrada.»

Que mentirosa: Sarah gostava de homens com uma beleza suave e lambida, como demonstrava a sua perseguição implacável e bem-sucedida a Matthew.

Sentados de frente um para o outro em cadeiras com tecido a imitar as riscas de um leopardo na sua mesa para dois, Strike e Robin disfarçaram inicialmente o seu leve constrangimento a falar de trabalho. A discussão dos casos ativos da agência durou até terminarem um potente *cocktail*, altura em que as suas gargalhadas cada vez mais altas começaram a atrair olhares dos *barmen* e dos clientes. Pouco depois os olhos de Robin estavam brilhantes e o seu rosto levemente corado, e até Strike, que era consideravelmente maior do que a sua sócia e aguentava bem o álcool, bebera *bourbon* suficiente para fazê-lo sentir-se agradavelmente animado e descontraído.

Depois do segundo *cocktail*, a conversa tornou-se mais pessoal. Strike, que era filho ilegítimo de uma estrela de *rock* que vira apenas duas vezes na vida, disse a Robin que uma das suas meias-irmãs, Prudence, queria conhecê-lo.

— Onde se encaixa ela? — perguntou Robin. Sabia que o pai de Strike se casara três vezes e que o seu sócio era o resultado de uma noite com uma mulher descrita na imprensa como «supergroupie», mas estava confusa em relação ao resto da árvore genealógica.

— Ela é a outra ilegítima — respondeu Strike. — Poucos anos mais nova do que eu. A mãe dela era aquela atriz, a Lindsey Fanthrope. Uma mestiça? Entrou em tudo. *EastEnders*, *The Bill*...

— Quer conhecer a Prudence?

— Não tenho a certeza — admitiu Strike. — Parece-me que já tenho parentes suficientes. Ela também é psicóloga.

— De que escola?

— Junguiana.

A sua expressão, que misturava desconfiança e desagrado, fez Robin rir.

— Qual é o problema de ser uma psicóloga junguiana?

— Não sei... gostei bastante dela nas SMS, mas...

Tentando encontrar as palavras certas, os olhos de Strike encontraram o painel de bronze na parede atrás da cabeça de Robin, que mostrava uma Leda nua a ser engravidada por Zeus na forma de um cisne.

— ...bom, ela disse que também não foi fácil tê-lo como pai. Mas quando descobri como ganha a vida...

Calou-se. Bebeu mais *bourbon*.

— Achou que ela não estava a ser sincera?

— Não exatamente... — Strike soltou um suspiro. — Já vários psicólogos da treta me disseram por que motivo vivo como vivo e culparam a minha família. A Prudence disse numa das suas SMS que, para ela, perdoar o Rokeby fora «curativo». Que se lixe isso — disse Strike abruptamente —, é o seu aniversário, vamos falar sobre a *sua* família. O que faz o seu pai? Nunca me disse.

— Ah, não disse? — retorquiu Robin, com alguma surpresa. — É professor de gestão sanitária, produtiva e reprodutiva de ovelhas.

Strike engasgou-se com o *cocktail*.

— Onde está a graça? — perguntou Robin, de sobrancelhas levantadas.

— Desculpe — disse Strike, tossindo e rindo ao mesmo tempo. — Não estava à espera, só isso.

— Ele é uma autoridade, para sua informação — disse Robin, fingindo-se ofendida.

— Professor de ovelhas... qual era mesmo o resto?

— Gestão sanitária, produtiva e reprodutiva de ovelhas... *Porque* acha isso tão engraçado? — perguntou Robin, enquanto Strike se ria pela segunda vez.

— Não sei, talvez a coisa da «produtiva» e «reprodutiva» — respondeu Strike. — E também de serem ovelhas.

— A sua especialização tem cinquenta e seis letras. Contei-as quando era criança.

— Impressionante — disse Strike, bebendo outro gole de *bourbon* e tentando fazer um ar sério. — Então, quando é que ele começou a interessar-se por ovelhas? É a paixão de uma vida ou uma ovelha em particular chamou a sua atenção quando...

— Ele não tem *sexo* com elas, Strike.

A nova gargalhada do detetive fez virar cabeças.

— O seu irmão mais velho ficou com a quinta da família, portanto o meu pai estudou Veterinária em Durham e, sim, especializou-se... Pare de rir, bolas! Também é editor de uma revista.

— Por favor, diga-me que é sobre ovelhas.

— É, sim. *Gestão Ovina* — respondeu Robin — e antes que pergunte, não, não têm uma rubrica fotográfica com a ovelha mais votada dos leitores.

Daquela vez, a gargalhada de Strike foi ouvida em todo o bar.

— Faça pouco barulho — disse Robin, sorrindo, mas ciente dos muitos olhares agora pousados neles. — Não queremos ser corridos de *outro* bar em Londres.

— Não fomos corridos do American Bar, ou fomos?

A recordação de Strike das consequências de tentar dar um soco num suspeito no Stafford Hotel era um pouco nebulosa, não porque estivesse bêbedo, mas porque só vira a sua própria fúria.

— Podem não ter-nos banido *explicitamente*, mas tente voltar lá e ver que tipo de boas-vindas recebe — disse Robin, pegando numa das últimas azeitonas dos pratos que tinham chegado com as primeiras bebidas. Strike já terminara sozinho as batatas fritas.

— O pai da Charlotte tinha ovelhas — disse Strike, e Robin sentiu aquele pequeno frémito de interesse que sentia sempre que ele mencionava a sua ex-noiva, o que quase nunca acontecia.

— A sério?

— Sim, em Arran — disse Strike. — Tinha lá uma casa enorme com a sua terceira mulher. Era um passatempo, sabe. Provavelmente para deduzir nos impostos. Eram uns estupores de aspeto maligno... isto é, as ovelhas... não consigo lembrar-me do nome da raça. Pretas e brancas. Chifres enormes e olhos amarelos.

— Parecem Jacobs — disse Robin, e respondendo ao sorriso de Strike, acrescentou: — Cresci com pilhas da *Gestão Ovina* ao lado da sanita... claro que conheço as raças das ovelhas... Como é Arran?

Queria realmente dizer: «Como era a família da Charlotte?»

— Bonito, pelo que me lembro, mas só estive na casa uma vez. Nunca recebi um convite para voltar. O pai da Charlotte odiava-me.

— Porquê?

Strike bebeu o resto do *cocktail* antes de responder.

— Bem, os motivos eram diversos, mas acho que no cimo da lista estava o facto de a mulher dele ter tentado seduzir-me.

O arquejo de Robin foi muito mais alto do que ela pretendia.

— Sim. Eu devia ter uns vinte e dois, vinte e três anos. Ela tinha pelo menos quarenta. Muito bonita, para quem gosta do género esquelético.

— Como... o que...?

— Fomos passar o fim de semana a Arran. A Scheherazade... a madrasta... e o pai da Charlotte eram grandes bebedores. Metade da família também tinha problemas de droga, todas as meias-irmãs e os meios-irmãos.

» Nós os quatro pusemo-nos a beber depois do jantar. O pai dela não engraçava muito comigo... esperara alguém mais de sangue azul. Puseram-me, e à Charlotte, em quartos separados em andares diferentes.

» Subi para o meu quarto no sótão por volta das duas da manhã, tirei a roupa, caí na cama muito embriagado, apaguei a luz e alguns minutos depois a porta abriu-se. Julguei que fosse a Charlotte, obviamente. O quarto estava escuro como breu. Afastei-me para o lado, ela deitou-se...

Robin percebeu que tinha a boca aberta e fechou-a.

— ...completamente nua. Continuei sem perceber... tinha quase uma garrafa de uísque dentro de mim. Ela... hum... estendeu a mão para mim... percebe o que estou a dizer...

Robin tapou a boca com a mão.

— ...e beijámo-nos e só quando ela sussurrou ao meu ouvido que me vira olhar para as suas mamas quando se inclinara para a lareira é que percebi que estava na cama com a minha anfitriã. Não que isso importe, mas eu não estivera a olhar para as mamas dela. Estivera a preparar-me para a apanhar. Ela estava tão bêbeda que pensei que ia cair no lume quando pôs mais um tronco na lareira.

— E depois o que fez? — perguntou Robin por entre os dedos.

— Saltei da cama como se tivesse um foguete no traseiro — respondeu Strike, enquanto Robin começava a rir de novo —, choquei com o lavatório, derrubei-o e parti um jarro vitoriano gigante. Ela limitou-se a rir. Tive a impressão de que pensou que eu voltaria para a cama assim que o choque passasse. Eu estava a tentar encontrar os meus *boxers* no escuro quando a Charlotte abriu a porta.

— Oh, meu *Deus*.

— Pois, ela não gostou muito de me encontrar nu com a madrasta no mesmo quarto — disse Strike. — Não devia saber qual de nós queria matar primeiro. A gritaria acordou Sir Anthony. Ele subiu as escadas a correr no seu roupão de brocado, mas estava tão bêbedo que não o fechara bem. Acendeu as luzes e ficou ali a segurar um bastão, alheio ao facto de ter a pila à mostra até que a mulher lhe chamou a atenção para isso.

» «Anthony, conseguimos ver o *Johnny Winkle*.»

Robin riu-se tanto que Strike teve de esperar que ela se recompusesse antes de continuar a história. No bar, a uma curta distância da mesa, um homem de cabelo grisalho observava Robin com um leve sorriso no rosto.

— E depois? — perguntou Robin sem fôlego, limpando os olhos com o miniguardanapo que viera com a sua bebida.

— Bem, pelo que me lembro, a Scheherazade não se deu ao trabalho de se justificar. Quando muito, parecia achar tudo aquilo divertido. A Charlotte lançou-se a ela e eu segurei-a, e Sir Anthony basicamente parecia achar que a culpa era toda minha por não ter trancado a porta do quarto. A Charlotte estava um pouco inclinada a pensar o mesmo. Mas crescer com a minha mãe em casas ocupadas não me preparara realmente para o que esperar da aristocracia. No geral, devo dizer que as pessoas se comportavam muito melhor nas casas ocupadas.

Ele levantou a mão para indicar à empregada sorridente que estavam prontos para mais bebidas, e Robin, a quem doíam as costelas de tanto rir, levantou-se.

— Preciso de ir à casa de banho — disse ela sem fôlego, e os olhos do homem de cabelo grisalho no banco do bar seguiram-na enquanto ela se afastava.

Os *cocktails* eram pequenos, mas muito fortes, e Robin, que passava grande parte da sua vida a fazer trabalho de vigilância com ténis calçados, não tinha o hábito de usar sapatos de salto. Teve de se agarrar ao corrimão com firmeza enquanto descia as escadas com carpete vermelha até à casa de banho, que era mais palaciana do que qualquer outra a que já tivesse ido. Com o rosa suave de um *macaron* de morango, tinha lavatórios circulares de mármore, um sofá de veludo e paredes cobertas de murais de ninfas em lagos cheios de nenúfares.

Depois de urinar, Robin endireitou o vestido e verificou o rímel no espelho, à espera de que tivesse escorrido de tanto rir. Lavando as mãos, pensou na história que Strike acabara de lhe contar. Por mais engraçada que a tivesse achado, também era um pouco intimidante. Apesar da vasta gama de bizarrias humanas, muitas delas sexuais, que Robin encontrara na sua carreira de detetive, às vezes sentia-se inexperiente e ingénua em comparação com outras mulheres da sua idade. A sua experiência nas regiões mais aventureiras do sexo era inexistente. Só tivera um parceiro sexual e tinha motivos mais do que justificados para querer confiar na pessoa com quem ia para a cama. Um homem de meia-idade com uma mancha de vitiligo sob a orelha esquerda estivera em tempos no banco dos réus e alegara que Robin, de dezanove anos, o convidara para uma escada escura para fazer sexo, e que ele a sufocara até à inconsciência porque ela lhe dissera que «gostava daquilo à bruta».

— Acho que é melhor a minha próxima bebida ser água — disse Robin cinco minutos depois, enquanto se recostava na cadeira em frente a Strike. — Esses *cocktails* são realmente fortes.

— Tarde de mais — retorquiu Strike, enquanto a empregada colocava novos copos cheios à frente deles. — Quer uma sanduíche, para absorver um pouco o álcool?

Passou-lhe a ementa. Os preços eram exorbitantes.

— Não, ouça...

— Não a teria convidado para o Ritz se não estivesse preparado para pagar — disse Strike com um gesto expansivo. — Eu teria pedido um bolo, mas...

— A Ilsa já o fez, para amanhã à noite? — adivinhou Robin.

Na noite seguinte, um grupo de amigos, incluindo Strike, daria um jantar de aniversário em honra de Robin, organizado pela amiga comum.

— Pois. Eu não devia contar-lhe, por isso finja-se admirada. Afinal, quem vai a esse jantar? — perguntou Strike. Tinha alguma curiosidade em saber se havia pessoas que ele não conhecia: especificamente, homens.

Robin listou os nomes dos casais.

— ...e nós os dois — terminou.

— Quem é o Richard?

— O novo namorado do Max — disse Robin. Max era o seu coinquilino e senhorio, um ator que alugava um quarto porque não conseguia pagar a hipoteca sem isso. — Começo a perguntar-me se não está na altura de sair de casa do Max — acrescentou.

A empregada apareceu e Strike pediu sanduíches para os dois antes de se voltar para Robin.

— Porque está a pensar em mudar-se?

— Bem, o programa de televisão em que o Max entra paga muito bem e acabaram de encomendar uma segunda temporada, e ele e o Richard parecem muito interessados um no outro. Não quero esperar até que me peçam para sair. De qualquer forma — Robin bebeu um gole do seu novo *cocktail* —, tenho trinta anos. Chegou a altura de viver sozinha, não acha?

Strike encolheu os ombros.

— Não sou grande defensor de ter de fazer as coisas em certas datas. Isso é mais o departamento da Lucy.

Lucy era a irmã com quem Strike passara a maior parte da infância, porque tinham a mesma mãe. Ele e Lucy geralmente defendiam opiniões opostas sobre o que constituíam os prazeres e as prioridades da vida. Lucy afligia-se por Strike, que tinha quase quarenta anos, continuar a viver sozinho em duas assoalhadas alugadas por cima do escritório, sem nenhuma das obrigações estabilizadoras... mulher, filhos, hipoteca, associações de pais e professores, festas de Natal com vizinhos... a que a mãe de ambos também se esquivara impiedosamente.

— Bem, acho que está na altura de eu ter a minha própria casa — disse Robin. — Vou sentir falta do *Wolfgang*, mas...

— Quem é o Wolfgang?

— O *dachshund* do Max — respondeu Robin, admirada com a brusquidão do tom de Strike.

— Oh... pensei que fosse algum tipo alemão por quem você tivesse um fraquinho.

— Ah... não — disse Robin.

Estava realmente a sentir-se embriagada. Esperava que as sanduíches ajudassem.

— Não — repetiu —, o Max não é do tipo que tenta apresentar-me a alemães. É uma mudança agradável, devo dizer.

— Muitas pessoas tentam apresentá-la a alemães?

— Não a alemães, mas... ah, sabe como é. A Vanessa passa a vida a dizer-me para entrar no Tinder e a minha prima Katie quer que eu conheça um amigo dela que acabou de se mudar para Londres. Chamam-lhe Axeman.

— Axeman? — repetiu Strike.

— Sim, porque o nome dele é... algo que soa a Axeman. Não consigo lembrar-me — disse Robin, com um vago aceno de mão. — Ele divorciou-se recentemente, portanto a Katie acha que seríamos perfeitos um para o outro. Realmente não percebo por que motivo o facto de duas pessoas terem estragado os seus casamentos as tornaria compatíveis. Na verdade, quando muito...

— *Você* não estragou o seu casamento — interrompeu Strike.

— Estraguei — contradisse Robin. — Não devia ter-me casado com o Matthew. Foi um erro, e piorou com o tempo.

— Foi ele quem teve o caso.

— Mas fui eu que não quis estar com ele. Fui eu que tentei acabar com aquilo na lua de mel, e depois me acobardei...

— A sério? — perguntou Strike, para quem isso era novidade.

— Sim — disse Robin. — Eu sabia, no fundo, que estava tudo errado...

Por um momento foi transportada de novo para as Maldivas, e para aquelas noites quentes em que passeara sozinha na areia branca no exterior do *bungalow* enquanto Matthew dormia, perguntando a si mesma se estava apaixonada por Cormoran Strike.

As sanduíches chegaram e Robin pediu um copo de água. Por mais ou menos um minuto, comeram em silêncio, até Strike dizer:

— Eu não entraria no Tinder.

— *Você* não entraria, ou *eu* não devo entrar?

— As duas coisas — disse Strike. Conseguira terminar uma sanduíche e começar a segunda antes que Robin desse duas dentadas. — No nosso trabalho, não é inteligente passar demasiado tempo *online*.

— Foi o que eu disse à Vanessa — respondeu Robin. — Mas ela sugeriu que eu podia usar um nome falso até me interessar por alguém.

— Nada como mentir sobre o próprio nome para construir uma base sólida de confiança — disse Strike e Robin riu-se novamente.

Strike pediu mais *cocktails* e Robin não protestou. O bar estava mais cheio agora do que quando se tinham sentado, o zumbido das conversas mais alto, e os cristais pendurados nos candelabros cercados por uma auréola enevoada. Robin sentia um afeto indiscriminado por todos os presentes na sala, desde o casal de idosos a conversar baixinho e a beber champanhe, aos *barmen* atarefados nos seus casacos brancos e ao homem de cabelo grisalho que lhe sorria enquanto ela olhava em volta. Acima de tudo, gostava de Cormoran Strike, que estava a proporcionar-lhe uma noite de aniversário maravilhosa, memorável e cara.

Já Strike, que genuinamente não tinha olhado para os seios de Scheherazade Campbell todos aqueles anos atrás, estava a fazer o possível para estender a mesma cortesia à sua sócia, mas ela nunca lhe parecera

mais bonita: corada de tanto beber e rir, com o cabelo louro-avermelhado a brilhar na luz difusa da cúpula dourada acima deles. Quando ela se inclinou de repente para apanhar algo do chão, viu o sulco profundo atrás da opala pendurada.

— Perfume — disse ela, endireitando-se, apanhando o saquinho roxo que trouxera do Liberty, no qual estava a prenda de aniversário de Strike. — Quero pôr um bocadinho.

Desamarrou a fita, desembrulhou o pacote e extraiu o frasco quadrado branco. Strike viu-a borrifar uma pequena quantidade em cada pulso, e a seguir — ele forçou-se a desviar o olhar — na depressão entre os seios.

— Adoro — disse ela, cheirando o pulso. — Obrigada.

Sentiu uma pequena lufada de perfume de onde estava sentado: o olfato estava um pouco prejudicado pelos longos anos de fumo, mas detetou rosas e um tom de almíscar que o fez pensar em pele aquecida pelo sol.

Chegaram novos *cocktails*.

— Acho que ela se esqueceu da minha água — disse Robin, bebendo o seu Manhattan. — Este tem de ser o último. Já não costumo andar de saltos. Não quero estatelar-me no meio do Ritz.

— Eu chamo-lhe um táxi.

— Já gastou o suficiente.

— Estamos a ir bem, em termos de dinheiro — disse Strike. — Para variar.

— Eu sei... não é fantástico? — comentou Robin com um suspiro. — Temos mesmo um saldo bancário saudável e muito trabalho a entrar... Strike, somos um *sucesso* — disse ela, radiante, e ele sentiu-se a retribuir a alegria com um sorriso.

— Quem havia de dizer?

— Eu — respondeu Robin.

— Quando me conheceu, eu estava quase falido, a dormir numa cama de campanha no meu escritório e tinha um cliente.

— E então? Gostei que não tivesse desistido — disse Robin — e percebi que era muito bom no que fazia.

— Como diabo percebeu isso?

— Bem, vi-o trabalhar, não vi?

— Lembra-se de quando trouxe aquela bandeja de café e bolachas? — perguntou Strike. — A mim e ao John Bristow, naquela primeira manhã? Não conseguia perceber onde arranjara aquilo tudo. Foi como um truque de magia.

Robin riu-se.

— Só perguntei ao tipo lá em baixo.

— E usou o «nós». «Achei que, depois de oferecer café ao cliente, devíamos fornecê-lo.»

— A sua memória — disse Robin, admirada por ele ter as palavras exatas na ponta da língua.

— Sim, bem... você não é uma... pessoa comum — retorquiu Strike.

Pegou na sua bebida quase vazia e ergueu-a.

— À Agência de Detetives Strike e Ellacott. E feliz trigésimo aniversário.

Robin pegou no seu copo, bateu no dele e esvaziou-o.

— Merda, Strike, olhe para as horas — disse ela de repente, vendo o relógio. — Tenho de acordar às cinco, para seguir o namorado da Jones.

— Sim, está bem — grunhiu Strike, que não se importaria nada de passar mais duas horas ali naquela poltrona confortável, iluminado por uma luz dourada, o cheiro a rosas e almíscar a flutuar pela mesa. Pediu a conta.

Como Robin previra, sentia-se bastante instável nos saltos altos ao atravessar o bar, e levou muito mais tempo do que devia a localizar a ficha do bengaleiro para o seu casaco no fundo da mala.

— Importa-se de segurar isto, por favor? — pediu ela a Strike, entregando-lhe o saco com o perfume enquanto procurava.

Quando recuperou o casaco, Strike teve de ajudá-la a vesti-lo.

— Estou mesmo muito bêbeda — resmungou Robin, pegando no saquinho roxo, e segundos depois provou isso ao virar o calcanhar na beira do tapete circular escarlate que cobria o chão de mármore do átrio e escorregando para o lado. Strike apanhou-a e manteve o braço em volta da cintura dela enquanto a conduzia para fora através de uma das entradas que flanqueavam a porta giratória, porque não achava que ela conseguisse atravessá-la.

— Desculpe — disse Robin enquanto desciam com cuidado os degraus de pedra íngremes à frente do Ritz, o braço de Strike ainda em volta da sua cintura. Ela gostava de o sentir ao seu lado, maciço e quente: com mais frequência fora ela quem o sustivera, naquelas ocasiões em que o coto da perna direita se recusava a continuar a suportar o seu peso após algum esforço excessivo e imprudente. Ele segurava-a com tanta força que a cabeça dela estava quase encostada ao peito dele e ela podia sentir o cheiro da loção pós-barba que ele pusera para aquela ocasião especial, mesmo com o odor habitual a tabaco.

— Táxi — disse Strike, levantando um braço, enquanto um táxi preto deslizava suavemente na direção deles.

— Strike — disse Robin, recuando para olhar o seu rosto.

Tencionava agradecer-lhe, dizer-lhe que a noite fora maravilhosa, mas quando os seus olhos se encontraram, nenhuma palavra saiu. Por um pequeno intervalo de tempo, tudo em redor deles ficou desfocado, como se estivessem no centro de algum tornado em câmara lenta cheio de carros e luzes, de peões e de céu manchado de nuvens, e apenas a sensação

e o cheiro um do outro fossem reais, e Strike, olhando para o rosto virado dela, esqueceu naquele segundo todas as resoluções severas que o haviam contido durante quase cinco anos e fez uma inclinação quase infinitesimal de cabeça, a sua boca a dirigir-se para a dela.

E sem querer, a expressão de Robin mudou de felicidade para medo. Ele viu e endireitou-se novamente, e antes que qualquer um deles pudesse processar o que acabara de acontecer, o rugido mundano de uma moto anunciou o retorno do mundo ao seu curso normal; o tornado passara e Strike estava a guiar Robin em direção à porta aberta do táxi, e ela a sentar-se no seu banco sólido.

— Boa noite — desejou ele. A porta fechara-se e o táxi afastara-se antes que Robin, atordoada, pudesse decidir se sentia mais choque, alegria ou arrependimento.